

Tecnologia e Ruralidade¹

Considerações a partir da Tese da Colonização de Jürgen Habermas

Mauricio Fernandes²

Resumo: O campo é retratado na literatura ocidental como lugar de atraso, contrapondo-se a cidade, isto, desde a obra inaugural da consciência ocidental: *A Odisseia* de Homero (séc. VIII AEC). Este “atraso” foi construído e veio consolidando-se historicamente a partir de vários contextos. Um destes contextos, expressivo na atual situação do campo, refere-se à tecnologia, ou antes, aos usos das tecnologias no âmbito do campo, no qual podemos ver um abismo marcado pela inexistência de transferência tecnológica, o que gera uma desestabilização e conflitos. Podemos identificar uma condição paradoxal entre o discurso propagador de uma imagem de “atraso” do campo e o discurso desenvolvimentista das grandes corporações que palmilham o campo. De um lado, temos um agronegócio *high tech*, que avança palmilhando o campo; e, de outro lado, há uma falta ou dificuldade de acesso do pequeno produtor à tecnologia de ponta. No tocante à reflexão proposta, nos limitaremos a abordar o problema do avanço tecnológico no campo tendo como recorte norteador a teoria comunicativa de Jürgen Habermas, e dentro desta, mais precisamente, a *tese da colonização*. Pretende-se uma análise do conceito de colonização utilizado por Habermas, enxergando aqui a possibilidade deste conceito nos fornecer elementos enriquecedores para uma compreensão do atual quadro de desenvolvimento do campo, bem como, uma compreensão dos problemas que envolvem os usos da tecnologia no âmbito do campo. Com isto intentamos explorar o modo de relação entre o avanço de uma ala estruturada tecnocientificamente – o caso do agronegócio, e o impacto desta no contexto das estruturas simbólicas que marcam o campo.

Palavras-Chaves: Tecnologia. Ruralidade. Tese da Colonização. Jürgen Habermas.

Abstract: Since from the inaugural works of Western literature (Homer’s *Odyssey* and *Iliad*) field has depicted as isolated place and backward in relation to the city. This “backwardness” has historically consolidated from various contexts. One of these contexts, expressive in the current situation of the field, refers to technology, or rather, the uses of technologies in the field, in which we can see an abyss marked by the absence of technological transference, which generates a destabilization and conflicts. We can identify a paradoxical condition between the discourse propagating an image of “backwardness” and the developmental discourse of the large corporations that tread the field. On the one hand, we have a high tech agribusiness, which moves along the field; and, on the other hand, there is a lack or difficulty of small farmer’s access to the high technology. With regard to the proposed reflection, we intend to analyze the problem of technological advancement in the field based on the *Colonization Thesis*. Throughout the concept of colonization, seeing here the possibility of this concept providing us with enriching elements for an understanding of the current

¹ Este artigo é resultado direto das ações no Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação do Campo e do Núcleo de Pesquisa em Educação do Campo no Semiárido (NUPECS), realizadas no Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza (LEDOC), na Universidade Federal do Piauí *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros na cidade de Picos.

² Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (PPGFIL/UFPI). Professor de Filosofia no Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza (LEDOC/CSHNB). Contato: mauriciofernandes@ufpi.edu.br.

framework of development of the field, as well as an understanding of the problems surrounding the uses of technology in the field. With this, we intend to explore the relationship between the advancement of a technoscientific-structured wing - the case of agribusiness, and its impact in the context of the symbolic structures that mark the field.

Keywords: Technology. Rurality. Colonization Thesis. Jürgen Habermas.

TECHNOLOGY AND RURALITY

Considerations from Colonization Thesis of Jürgen Habermas

1. Introdução

Os usos das tecnologias no campo, ou o acesso às mesmas, marca a gramática dos conflitos atuais no campo, e deixam ressonâncias no âmbito das compreensões que possuímos sobre o próprio campo e sua rede de significações e diversidade. Conceitos como o de *autonomia*, *soberania alimentar*, *agroecologia*, dentre outros, podem receber impulsos a partir desta compreensão de desequilíbrio tecnológico e podem alimentar-se epistemicamente deste pano de fundo teórico-conceitual.

Pretende-se apontar aqui para a tese de que o campo historicamente foi, e continua sendo compreendido em termos de reprodução dos modos de vida, de uma forma errônea, o que o condiciona como *atrasado*. Sua caracterização deve obedecer à outra perspectiva de reprodução para além da meramente *material*, a reprodução *simbólica*, e neste contexto poderemos compreender o campo como um local de avanços e progressos inegáveis e imprescindíveis à economia e ecologia das relações que o constituem, desde o âmbito do sujeito e também das comunidades.

Este artigo tem como objetivo a tematizar a questão da tecnologia e suas relações com a ruralidade, no sentido de apontar que existe também tecnologia no campo e, a partir desta tecnologia podemos caracterizar o campo em uma outra perspectiva, que não aquela arraigada no *atraso*. Aqui nos referimos à tecnologia no plural procurando enfatizar que existem dois modos de agir tecnológicos, ambos abarcantes e constitutivos do humano e em contraposição no campo.

Primeiramente, precisamos compreender a tecnologia como um fenômeno no qual o próprio ser humano está inserido, é abarcante, tendo cada espécie, diante de suas condições naturais, desenvolvido um modo de ação técnica; neste sentido, o campo não é isento de

tecnologia, ao contrário, é marcado pelo uso de um tipo específico de tecnologia que não obedece ao ritmo imposto por aquela *ideia mitológica do progresso* (DUPAS, 2007), tal qual exposta pelo Positivismo. Assim, o que procuramos apontar é que se faz necessário uma nova perspectiva acerca do que é o campo e do desenvolvimento que o campo encerra em si.

Aqui pretendemos uma abordagem da relação conflitual relativa aos usos da tecnologia no campo tendo como pano de fundo a tese da colonização descrita por Jürgen Habermas (1987), ressaltando, assim como o autor, que o problema não reside no fenômeno tecnológico, mas no desequilíbrio oriundo do processo de colonização do mundo-da-vida pelo mundo sistêmico; o que nos fornecerá outros horizontes interpretativos acerca do fenômeno tecnológico e também do próprio campo.

2. Uma compreensão inicial sobre o campo

O campo sempre foi compreendido como um local ermo, distante da cidade, distante das relações que permeiam a cidade e, por conseguinte, foi compreendido no cerne do desenvolvimento histórico do pensamento ocidental como um lugar de *atraso*, como um lugar fora das relações que ocorriam dentro das cidades. E estas relações eram permeadas pelo prisma da liberdade impresso pela racionalidade latente, em seus aspectos específicos, desenvolvida no Ocidente.

O campo, nesse sentido, era o local fora do plano da racionalidade, e também da liberdade política, do homem livre; logo, um local marcado pela necessidade, pelas leis da Natureza e do instinto partilhado com as feras. Neste âmbito, da necessidade e da falta de liberdade, os gregos compreenderam o campo como espaço habitado por um sujeito específico, ao qual denominavam *agroikós*, o camponês, como aponta François Hartog (2001):

[Ainda] adotando o ponto de vista da cidade, outra distinção foi introduzida, uma nova separação estabelecida. Agros produziu agrios, mais tarde também *agroikos*, para designar alguém que morava no campo, em meio ao campo. No grego de Homero, agros designa pastagens, campos que não eram cultivados, em oposição a aroura, terra arada; e agrios significava "selvagem, feroz". (HARTOG, 2001, p. 121).

Desta forma, o habitante do campo, o camponês, por conseguinte, em decorrência do distanciamento entre a cidade e o campo, é compreendido, assim como o espaço que habita,

como alguém atrasado. Imagem esta que permanece e difunde-se pela Idade Média, no tom pejorativo com o qual a sociedade medieva enxergava o camponês (LE GOFF, 1998).

O sujeito do campo é portador de uma tecnologia, de uma forma específica de tecnologia arraigada no próprio modo de transformação do mundo, na tessitura própria de sua existencialidade, uma forma de tecnologia que não obedece a lógica de avanço do capitalismo tardio, e nem a lógica da ideia de progresso que sustenta este. O que ocorre atualmente no campo pode ser descrito sob a perspectiva da tese da colonização de Jürgen Habermas. Forças diretivas burocrático-administrativas forçam um avanço tecnocientífico sobre estruturas que não são de sua alçada. Tal é o caso da esterilização das sementes. Esta lógica obedece ao mercado apenas e visa ações exitosas no sentido de expandir o poder econômico e tecnológico das empresas transnacionais.

Uma das primeiras questões que precisamos levantar é a falta de transferência tecnológica no campo. O que existe no campo é um confronto entre duas perspectivas de tecnologia, de um lado a *tecnologia campesina*, uma tecnologia que ainda podemos compreender como rústica, uma tecnologia que emprega meios ainda rústicos de transformação do mundo, frente a uma tecnologia avançada, a tecnologia empregada pelas grandes indústrias que palmilham passo a passo cada centímetro do campo; e neste momento, podemos compreender quão nefasto e paradoxal é o discurso acerca do emprego da tecnologia no campo por parte de grandes conglomerados industriais.

Em solo brasileiro podemos visualizar nas propagandas televisivas o *slogan* dizendo que o *agro é tech*, e com isto se quer dizer que o campo é tech, neste sentido, resta-nos perguntar a que campo está se referindo nestas propagandas? Se não há transferência tecnológica, a afirmação: *agro é tech*, ou em outras palavras, *campo é tech*, se refere a uma tecnologia dominada e controlada por um grupo muito reduzido da sociedade, um pequeno grupo que possui poder sobre as determinações tecnológicas e sobre a expansão do agronegócio, ao avanço do capitalismo sobre o campo; não se refere, portanto, à agricultura familiar ou ao tipo de tecnologia mantida pelos pequenos agricultores, ao contrário, este tipo de cultura é mantido à margem deste primeiro, pois não entra no campo das reproduções estimuladas pelo sistema.

Não houve transferência de tecnologia, ao contrário, gerou-se um mercado de patentes no qual sempre as grandes corporações estarão à frente, e mediante precisamente à justiça e as legislações ainda vulneráveis em relação aos avanços biotecnológicos, os grandes

conglomerados conseguiram colocar o pequeno agricultor em um círculo vicioso marcado pela necessidade de tecnologia e insumos frente às empresas.

Podemos identificar duas formas de tecnologia que entram em jogo no campo e que o eixo que irá marcar este jogo é a falta de transferência tecnológica. O camponês ainda mantém uma forma rústica de tecnologia em detrimento desta falta de transferência tecnológica. Ressaltamos aqui que o problema não reside na tecnologia em si, mas no direcionamento que se destina a mesma no âmbito das políticas públicas. De um lado, o campo aparece como um local onde há tecnologia de ponta, mas esta não é uma realidade acessível a todos, há um desequilíbrio entre os usos que se faz da tecnologia no campo. Um desequilíbrio que procuraremos compreender sob o prisma da *Tese da Colonização* de Jürgen Habermas.

A partir da tese da colonização poderemos compreender dois pontos: 1) um desequilíbrio entre as formas de reprodução material e simbólica que insiste em mensurar o campo apenas sob o prisma da lógica sistêmica, o que resulta em uma compreensão do mesmo como atrasado. O campo como coordenada topológica de um desenvolvimento e progresso para além das estruturas impostas pelo turbocapitalismo. A imagem, geralmente veiculada, do campo como atraso já não possui força. O campo também é local de progresso.

E, 2) que o campo, uma vez compreendido a partir do prisma da reprodução simbólica é riquíssimo, e mantém impulsos também para a reprodução material, faltando apenas a transferência tecnológica. O campo historicamente é lugar de saberes e conhecimentos. Está associado com o solo, com a fertilidade deste. Desde nossos primórdios o conhecimento da terra é um conhecimento dos mistérios telúricos, que envolvem a fertilidade da terra. E desta forma, é um *conhecimento da vida*.

Isto resulta em uma compreensão para além da tradicionalmente desenvolvida historicamente, na qual o campo veio sendo compreendido em uma perspectiva de espaço contraposto à cidade e sua racionalidade constituinte, logo, um lugar ermo, sem qualquer progresso; compreensão esta que foi estendida aos seus habitantes. Aqui, pretende-se como contribuição ao debate atual sobre o campo e o campesinato uma visão que possa fornecer elementos para se repensar o conceito de ambos.

3. Sobre o conceito de tecnologia

O conceito de tecnologia é central para compreendermos o século XX e início do século corrente. De forma geral há uma visão negativa da tecnologia matizada pelos usos no

campo da política que resultaram em verdadeiras hecatombes humanas, campos de concentração, guerras nucleares, alinhamento tecnocrático. Esta visão negativa está intrinsecamente ligada à estas experiências nefastas.

Normalmente nos referimos à tecnologia como aparato tecnológico, máquinas, ferramentas, utensílios, e esta visão é insuficiente para uma compreensão do fenômeno técnico, como afirmava Martin Heidegger (2007), promovendo apenas uma visão antropológico-instrumental do fenômeno. Neste sentido, uma compreensão da técnica e tecnologia precisa ser ampliada, primeiramente a partir da constituição de tal fenômeno como parte importante de nosso processo evolutivo, neste caso, técnica aqui assumida como relação do corpo humano com o mundo. Somos seres humanos em decorrência de sermos seres técnicos, de possuímos um modo específico de relação com o mundo e este modo é fundamentalmente *corporal*; seguindo a tese de Ernst Kapp (2018), uma *projeção orgânica* – projetamos gradualmente nosso corpo e sua constituição orgânica em nossas ações técnicas sobre o mundo.

É neste sentido, de uma compreensão do fenômeno técnico enquanto projeção orgânica e parte integrante e imprescindível em nosso processo evolutivo que podemos ampliar o conceito de tecnologia para além do aparato utilizado pelas grandes corporações sobre o campo. Existe tecnologia no campo para além desta visão instrumentalizada.

O modo de relação do camponês com o meio ambiente encerra em si uma ação técnica, seu uso de utensílios na plantação, da colheita e na conservação da biodiversidade, e mesmo a sua compreensão de mundo já encerram um posicionamento frente ao mundo que é um posicionamento técnico, porém, que obedece a outros critérios para além daqueles inculcados pela sociedade do progresso (FERNANDES; SANTOS, 2019).

Existem formas distintas de tecnologias e usos no contexto do campo. De um lado, há um avanço massivo das grandes corporações sobre o campo, que segue as perspectivas de expansão do capitalismo em sua forma atual, transformando cada palmo de terra em um espaço rentável, em cifras, em cálculos, e logicamente, baseado sobre ações de sujeição e exploração do meio ambiente e redução da biodiversidade.

De outro lado, o campo é permeado por redes de saberes, práticas e técnicas que asseguram na teia da tradição, de geração em geração, a manutenção das formas de vida e da reprodução material e simbólica das comunidades que o compõem. As comunidades tradicionais possuem um conjunto de conhecimentos que estão arraigados no mundo-da-vida, dos quais se nutrem na corrente da transmissão oral pela tradição, um conjunto formado por

compreensões acerca de si e do mundo, da relação com o meio ambiente em uma perspectiva holística e integral, e neste sentido, configuram um conjunto de práticas de seleção, manejo, preparação do solo, plantio, colheita, e manutenção e garantia deste processo para as próximas gerações.

4. A tese da colonização

Aqui há algo que precisamos trabalhar: a distinção entre o modo de reprodução material e o modo de reprodução simbólica, que também são perspectivas e regem o tipo de produção que se possui no campo. Aqui nós vamos utilizar como prisma a *tese da colonização* de Jürgen Habermas, estando nela implícitos os conceitos de *reprodução material e reprodução simbólica*.

Toda sociedade se desenvolve a partir desses dois prismas. De um lado, a sociedade possui o modo de reprodução material que se refere a todo e qualquer tipo de ação ou estímulo que visa a ampliação do aparato material da sociedade, a criação de objetos e utensílios, o desenvolvimento de tecnologias que possam suprimir as necessidades humanas. Nas palavras de Habermas (1987):

Nós vemos a sociedade como uma entidade que, no correr da evolução, diferenciou-se tanto como um sistema quanto como um mundo da vida. A evolução sistêmica é medida pelo aumento na capacidade de direção da sociedade, enquanto o estado de desenvolvimento de um mundo da vida estruturado simbolicamente é indicado pela separação da cultura, sociedade e personalidade (p. 152).

Tudo isto faz parte do campo de reprodução material que é regido, segundo a perspectiva habermasiana, pelas esferas da economia e da política. Estas duas esferas, nas quais se encerra um modo de compreensão e de ação no mundo, é moldado por um tipo de resposta ancorada na *eficácia*, na *eficiência* e no *êxito*.

Estas duas esferas (economia e política), se relacionam com o mundo sempre marcadas por este tipo de *resposta*. Necessariamente as ações estratégicas devem possuir resultados que expressem *êxito*, *eficácia* e *eficiência*. Assim, a reprodução material avança no sentido de prover os meios materiais para que a sociedade subsista, para que a sociedade possa vencer às intempéries do mundo, porém, avança desfocando contextos de entendimento com os quais é marcado o mundo-da-vida.

O processo de colonização é marcado por intervenções cada vez mais expressivas nas esferas de reprodução simbólica no mundo-da-vida por instâncias regulatórias do sistema (burocracia, administração), que deformam os contextos interacionais daquele. E colonização devemos compreender como um processo de transformação em *coisa*. Há uma relação intrínseca entre o processo de colonização e o de reificação, ambos são sinônimos; e tal processo ganha peso e expressividade a partir dos avanços da tecnologia atrelada a ciência no século XX.

Uma compreensão sobre o conceito de tecnologia é que, neste sentido, ela é um tipo de transformação que nós imprimimos sobre o mundo, somos animais que, necessariamente, habitamos um mundo que não é o mundo natural, mas sim uma *segunda natureza*, um mundo construído a partir de nossa interação, um mundo *artificial*, um mundo construído pelas mãos humanas. Neste sentido, Habermas (1987) aponta a reprodução material como sendo importante para a sociedade, pois dita o ritmo e o modo como vamos transformar o mundo e que podemos obter determinado tipos de respostas que orientam à ação estratégica.

Outro tipo de esfera será a *reprodução simbólica*, ela se dá mediante as perspectivas da tradição, da personalidade e da cultura, neste sentido, se refere não mais ao mundo material ou ao mundo objetivo externo ao sujeito, mas antes, trata-se de categorias com as quais os indivíduos constroem suas relações intersubjetivas, consigo mesmos e com o mundo, e tais categorias dizem respeito ao mundo interno do sujeito. Por isso a reprodução simbólica está localizada dentro de um quadro maior que é o mundo-da-vida (*Lebenswelt*), e a relação entre reprodução simbólica e reprodução material se dá propriamente no contexto do mundo-da-vida, uma vez em que, mesmo a reprodução material necessita de ancoragem no mundo-da-vida.

Mundo-da-vida é um conceito caro ao pensamento de Habermas, e neste contexto há um problema que ocorre a partir da Modernidade e que vai marcar as sociedades tardocapitalistas, um problema diagnosticado por Habermas como um *desacoplamento* entre o mundo-da-vida e o mundo dos sistemas; em outras palavras, Habermas constata uma desconexão entre o modo de reprodução material e o modo de reprodução simbólico com os quais sociedades humanas se desenvolvem e, um subsequente avanço das forças diretivas do mundo sistêmico, que passam a direcionar e a colonizar gradualmente as esferas do mundo simbólico ou do mundo-da-vida em si.

Através dos meios dinheiro e poder, os subsistemas da economia e do estado são diferenciados fora de um complexo institucional

estabelecido dentro do mundo da vida; surgem domínios de ação *formalmente organizados*³ que, em última análise, não são mais integrados através dos mecanismos de entendimento mútuo mas que se desviam dos contextos do mundo da vida e congelam-se num tipo de sociabilidade livre de normas [...] Com essas novas organizações surgem perspectivas sistêmicas, das quais o mundo da vida é distanciado e percebido como um elemento do meio ambiente do sistema. As organizações ganham autonomia através de uma demarcação que as neutraliza frente às estruturas simbólicas do mundo da vida. Tornam-se peculiarmente indiferentes à cultura, à sociedade, e à personalidade (HABERMAS, 1987, p. 307).

Neste sentido, essas forças diretivas do mundo sistêmico se lançam para esferas além de seu âmbito, para além de seus limites, e passam a colonizar esferas pertencentes ao campo da reprodução simbólica.

É um processo complexo, pois as esferas diretivas aqui, as forças diretivas às quais estamos nos referindo, que são a economia e a política, passam a direcionar esferas no mundo-da-vida, sendo neste sentido, a reprodução simbólica colonizada pelas forças do sistema, ou seja, a economia e a política passam a direcionar a cultura, passam a direcionar a educação e todas as outras esferas inerentes ao mundo-da-vida, o que ocasiona um desacoplamento, e uma posterior colonização das mesmas (QUINTANA, 2003).

O processo de colonização ocorre quando o mundo sistêmico avança sobre o mundo-da-vida, e por sua constituição, esferas, meios, método e resultados o mundo sistêmico imprime gradualmente uma *coisificação* das estruturas comunicacionais do mundo-da-vida. Neste sentido, as respostas que são assumidas diante de determinada crise proposta pelo mundo sistêmico, tendem a resolver momentaneamente os problemas para os quais foram assumidas, mas a longo prazo, constituem-se como novos problemas.

No âmbito das relações e usos das tecnologias no campo podemos compreender a partir deste prisma. O campo, longe do que foi historicamente construído sobre o mesmo, é marcado por um processo constante de racionalização. O trato com o mundo, com a Natureza, imprime uma exigência de racionalização. É preciso compreender, interpretar e redescrever o mundo e a nós mesmos, e neste processo de racionalização e redescrição chega-se ao horizonte da crise, há um estresse nas constituições epistêmico-cognitivas que constituem as sociedades camponesas, que precisa ser resolvido sob o peso da manutenção das condições de vida.

³ Grifo do autor.

É neste momento de crise que se apresentam propostas de resolução. Diante de novos modelos e formas de cultivo e de interação tecnológica com a terra, com a Natureza, as respostas do mundo sistêmico se pautam apenas na possibilidade de transformação do campo em uma unidade rentável, é preciso extrair o máximo, no menor tempo possível e vendido pelo maior valor possível. Este processo é regido por uma lógica que se pauta apenas no cálculo, na mensurabilidade, rentabilidade, e ofereceu um horizonte de modernização tecnológica e mercadológica para o campo desde sua industrialização em meados do século passado.

Esta perspectiva é arraigada no trato instrumental com a vida, e neste caso, não há preocupação com as redes comunicacionais e simbólicas que permeiam o campo, a oralidade, o conhecimento tradicional, e mesmo com a vida do camponês ou com a Natureza, uma vez em que o expõe ao uso de insumos químicos na busca por incitar a terra em uma produção em escala.

Como são respostas marcadas pela eficiência, rendimento e eficácia, há um afluxo desde a esfera da economia, traduzida em cifras milionárias unicamente reservadas aos grandes conglomerados, a tecnologia e todo o conhecimento de ponta é engessado e reduzido à poucos grupos empresariais que podem explorar o campo, reservando às comunidades camponesas o fornecimento de mão-de-obra ou a extinção, ou seja, estas respostas do mundo sistêmico pareciam resolver o problema do uso da campo com a industrialização e tecnologia, porém, com os mesmos, amplia gradualmente a desigualdade de acesso.

Atualmente, vivenciamos uma série de conflitos no campo, uma gramática contemporânea oriunda deste abismo causado pelo avanço de uma compreensão sistêmico-instrumental do campo. Até mesmo a fome, que figurou como um motivo eticamente justificável utilizado pela a industrialização do campo, não apenas não foi erradicada como foi apresentado como resultado verdadeiros desertos verdes, monoculturas que produzem uma erosão da biodiversidade.

Neste sentido, reabilitar o universo epistêmico de comunidades tradicionais, pode fornecer estímulos de recuperação de um equilíbrio perdido e que apresenta patologias cada vez mais expressivas no contexto do campo. As ações sistêmicas sobre a Natureza empurraram para um uso irresponsável de recursos, de exploração ilimitada do solo e do próprio homem que apresentam limites atualmente, frente aos graves problemas que enfrentamos em relação ao meio ambiente.

Assim, promovendo a transferência tecnológica necessária para o campo em relação direta com as estruturas comunicacionais que o constituem pode oferecer uma nova possibilidade para nossas ações sobre o mundo, principalmente no sentido de reabilitar conteúdos profundamente arraigados na agroecologia, na soberania alimentar dos povos tradicionais, na valorização de seus saberes e na manutenção da biodiversidade.

5. Tecnologias e seus usos no campo

Pretendemos aqui mostrar que as relações dentro de um contexto de uso das tecnologias no campo, podem ser compreendidas sob esse prisma de um desacoplamento entre o sistema e o mundo-da-vida, pois em determinado momento há um forte impulso de compreensão do desenvolvimento tecnológico a partir da ideia de progresso e esse desenvolvimento, é o que avança sobre o campo, é o que as grandes indústrias levam para o campo e no momento em que se encontram defronte do próprio campo e toda sua diversidade cultural, histórica e social, é um momento em que apresenta o campo como algo atrasado, como um espaço sem indústrias, sem desenvolvimento.

Lembremos que a ideia de progresso aqui prefigurada em uma alta tecnologia que avança sobre o campo, ela é resultado deste desacoplamento, e está sendo aqui compreendida a partir do avanço das forças diretivas sistêmicas sobre o mundo-da-vida. O campo é riquíssimo, porém, o tipo de desenvolvimento do campo não obedece, e não se reduz a lógica de reprodução material ou a lógica de reprodução do capitalismo. O campo, neste sentido, se apresenta sempre numa condição contra-hegemônica, de enfrentamento à lógica de expansão capitalista e neoliberal.

Utilizamos aqui tecnologias, no plural, por se tratar de práticas distintas e marcadas por lógicas igualmente distintas e diametralmente opostas. Embora possamos reduzir ambas à um conceito de técnica, compreendendo-as como parte de um mesmo fenômeno, os usos que são estabelecidos das mesmas ditam um modo de exploração e de sujeição da Natureza e do próprio homem.

Podemos enxergar usos distintos da tecnologia que irão imprimir um caráter de diferenciação acirrado entre ambos. Em um âmbito, tempos o uso de tecnologias por parte do pequeno produtor rural, que está atrelado intrinsecamente ao seu modo de subsistência e à sua compreensão de mundo, é um uso ainda mantido de forma quase artesanal, com algumas

implementações mínimas da tecnologia moderna. Esta baixa implementação tecnológica é em decorrência da falta de transferência tecnológica.

Por outro lado, temos um avanço expressivo de grandes conglomerados sobre o campo fazendo uso de uma tecnologia de ponta, aqui não se trata de uma relação direta com o mundo, com a Natureza, mas antes, no sentido da abstração que surge com a Modernidade e com a junção entre o fazer tecnológico e o conhecimento científico. Estes grandes conglomerados se utilizam de um conhecimento profundo sobre âmbitos recônditos, das estruturas genômicas, e logo, assumem tal conhecimento no uso que fazem da tecnologia alargando as perspectivas do capitalismo sobre o campo.

Atualmente há um discurso corrente e paradoxal no qual, de um lado, em decorrência do desenvolvimento histórico do sentido pejorativo com relação ao campo, este é apresentado como um local atrasado, bem como a população que o habita; por outro lado, como as propagandas anunciam, ele é *tech*, ele é *pop*, pintando-o como um espaço rico. Então, restamos perguntar: Para quem o campo é atrasado? E para quem o campo é rico? Existem diferenças gritantes e significativas nas respostas para estes questionamentos.

Neste sentido, se desvencilha algo problemático que é a questão da estruturação tecnológica. O camponês sempre possuiu técnica no campo, um aspecto importante, que devemos compreender como um exemplo neste momento é a manutenção de sementes crioulas, que atualmente possui um peso internacional devido aos movimentos sociais, das ações de retomada da soberania alimentar, dos povos tradicionais e de reconhecimento e valorização do conhecimento tradicional desses povos, que em sua prática cotidiana estão investidos em uma primeira forma de conhecimento biotecnológico.

As primeiras formas de biotecnologia implicadas na manutenção das sementes crioulas referem-se à sua seleção e estocagem (manutenção de sua fertilidade para outras safras). Este tipo de conhecimento é apreendido na tessitura das relações sociais no interior das comunidades, e é passado entre as gerações. Estas primeiras formas implicam seleção, armazenamento, plantio e colheita; e ao final, reinicia-se este ciclo. Estes conhecimentos e tecnologias são responsáveis pela continuidade das comunidades tradicionais em que estão inseridas. A tecnologia envolve todos os saberes da manutenção das sementes. Há um conceito de tecnologia evidente em cada etapa. Tecnologia como um conjunto de conhecimentos e práticas desenvolvido pelos camponeses na manutenção, reprodução, conservação e distribuição de sementes crioulas (FERNANDES; SANTOS, 2019, p. 92).

Nesse sentido, pode-se visualizar um certo tipo de tecnologia, um tipo de tecnologia que perpassa para além dos limites daquela *ideia mitológica do progresso* que, em si, já obedece a uma ideologia estipulada por uma classe dominante, por uma elite hegemônica que possui poder sobre os direcionamentos da ciência e da tecnologia no campo.

Trata-se aqui de analisar a quem predominantemente esse progresso serve e quais os riscos e custos de natureza social, ambiental e de sobrevivência da espécie que ele está provocando; e que catástrofes futuras ele pode ocasionar. Mas, principalmente, é preciso determinar quem escolhe a direção desse progresso e com que objetivos (DUPAS, 2007, p. 74).

Atualmente, os discursos sobre o avanço tecnológico das grandes indústrias é um discurso que é majoritariamente arraigado no argumento, eticamente defensável, de uma luta contra a fome global, e assim, uma tecnologia de ponta avança sobre o campo na produção de alimentos transgênicos, como forma de suprimir a fome global; porém, décadas se passaram, as plantações transgênicas se multiplicam, e ainda não se conseguiu imprimir uma redução expressiva na fome global, ao contrário, imensas plantações de monocultura transgênica foram produzidas, corroborando uma erosão genética, uma perda da diversidade agroecológica.

Ao passo que a tecnologia campesina, mantida pelas pequenas comunidades e pelos pequenos agricultores, estimula as práticas agroecológicas, a autonomia dos sujeitos sobre o que vão plantar, estimulando a soberania alimentar. A manutenção das sementes crioulas, por exemplo, estimula a prática e a manutenção da diversidade agroecológica, ao tempo em que cumpre com todos os conteúdos do *principialismo* clássico bioético (FERNANDES; SANTOS, 2019).

Há uma pressão do mercado sobre o pequeno agricultor que é acirrada com falta de transferência tecnológica, e que também impacta na realização da reforma agrária. Não é possível pensar em reforma agrária sem pensar em transferência tecnológica, não é possível pensar em reforma agrária sem prover os meios necessários para que os sujeitos do campo possam ter as condições de reproduzirem materialmente as suas vidas, não se trata apenas fornecer um pedaço de terra, mas é preciso também fornecer as condições para a reprodução material e para a transformação dessa terra, para a produção da agricultura familiar.

Desta forma, deve-se incluir nas pautas da luta política também a transferência tecnológica, ela seria uma primeira base para romper com o prisma de avanço das forças

diretivas do sistema sobre o mundo da vida, porque o pequeno produtor, diante deste processo, consegue também manter o ritmo de reprodução material de sua vida, mantendo também, as condições para reprodução simbólica. Não pode ocorrer um avanço paulatino e arbitrário das forças do sistêmicas do mercado, ameaçando gravemente a forma de reprodução simbólica das comunidades sobre as quais se abatem. Isso é algo que deve ser refreado.

Neste contexto, deve repensado o que é o campo, porque o campo não é um local determinado, não é um termo de fácil compreensão; campo é um conceito pluriverso, complexo e, por vezes, controverso. O campo não pode ser compreendido como ausência de indústria simplesmente, ou como uma diferenciação em relação a cidade; eis alguns pontos para uma reflexão.

Assim, vemos que a tese da colonização de Jürgen Habermas pode ser articulada como um ponto de partida para pensarmos uma nova possibilidade de compreensão do conceito de campo, e essa nova possibilidade passa pela compreensão do campo enquanto um modo de reprodução e um modo de progresso que obedece a uma lógica própria, e não a lógica do mercado, sendo o campo também marcado pelo desenvolvimento. Porém, esse desenvolvimento que ocorre no campo, esse progresso específico, perpassa para além da lógica do mercado, para além da lógica do capitalismo.

O campo, possui uma forma de progresso também em suas estruturas simbólicas, por exemplo, vejamos as tradições culturais, a oralidade, as expressões folclóricas, e principalmente, a construção imagético-metafórica com a qual os sujeitos do campo sedimentam um sentido existencial, todos estes elementos não são passíveis de serem mensurados, logo, permanecem fora da lógica da financeirização e da monetarização aplicada sobre o campo.

6. Considerações finais

Procurou-se trazer neste artigo uma abordagem dos usos de tecnologias no campo em uma relação compreendida à luz da *tese da colonização* de Jürgen Habermas, com o intuito de promover uma reflexão sobre uma nova e possível compreensão do campo enquanto espaço marcado pelo progresso.

Uma nova ideia de campo faz-se necessária, e neste sentido, pensar as relações que perpassam o campo, é compreender os antagonismos que o cercam em relação à tecnologia. A partir da tese da colonização de Habermas podemos enxergar o modo de colonização que a

tecnologia de ponta, utilizada pelas grandes indústrias, e mesmo, pelo discurso hegemônico, exerce no processo de coisificação do campo.

Compreendendo o fenômeno técnico como expressão de nosso modo de ação corporal sobre o mundo e que envolve conteúdos distintos do aparato tecnológico apenas, podemos compreender o campo como um local marcado por um progresso que não se deixa mensurar pela mesma lógica do cálculo e da eficiência com as quais são investidas as forças do mundo sistêmico. Este progresso traduz-se na oralidade, na cultura, no conhecimento tradicional e nas teias da tradição, em suma, no próprio mundo-da-vida.

Como resultado chegamos a uma compreensão do campo enquanto local marcado também pelo progresso, porém, por um progresso que se desenvolve a partir de perspectivas da reprodução simbólica, e não sistêmica. É preciso resgatar este universo rico do progresso simbólico-cultural que marca o campo para além do mero romantismo com o qual comumente é assumido, mas como uma marca da própria reprodução dos modos de vida no campo.

Longe de colocar-se como uma visão definitiva as considerações aqui tecidas constituem-se como uma perspectiva alternativa de compreensão do campo e da própria imagem do camponês, como uma janela aberta a fomentar o debate, problematizando considerações já calcificadas no tecer da História no intuito de propor elementos para uma redescritção dos mesmos.

Salientamos que este artigo configura-se como resultado inicial das pesquisas realizadas em um projeto intitulado *Sobre a Importância da Filosofia no Contexto da Educação do Campo*, tendo o mesmo suas atividades iniciadas em 2019 e se estenderão até 2021; logo, é parte de uma pesquisa em permanente construção e que se assenta sobre as considerações aqui esboçadas.

Referências

- DUPAS, Gilberto. O Mito do Progresso. In: **Novos Estudos**. CEBRAP 77, março 2007, pp. 73-89. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a05n77.pdf>. Acessado em: 24/11/2019.
- FERNANDES, Maurício; SANTOS, Michelli Ferreira. A Biotecnologia e seus usos entre Sementes Crioulas e Transgênicas: Duas Faces da Tecnologia e um Caso para a Bioética. In: **Guairacá. Revista de Filosofia**. Guarapuava, v. 35, n. 2, dez/2019.
- HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action**. Vol 2. *Lifeworld and system: A critique of functionalist reason*. Boston: Beacon Press, 1987.

- HARTOG, François. **Memories of Odysseus: Frontier Tales From Ancient Greece**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. A Questão da Técnica. Tradução Marco Aurélio Werle. In: **Scientia Studia**. Vol. 5, n. 3, pp. 375-398, 2007.
- KAPP, E. Organ Projection. In: **Elements of a Philosophy of Technology: On the Evolutionary History of Culture**. Trans. Lauren K. Wolfe. Minneapolis/London: Minnesota University Press, 2018.
- LE GOFF, Jacques. **Por Amor às Cidades**. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- QUINTANA, Oscar Mejía. Legitimidad, Acción comunicativa y democracia radical. In: ELSTER, Jon; INGLEHART, Ronald; EISLER, Riane. **Reflexiones sobre la investigación en ciencias sociales y estudios políticos**. Bogotá: Panamericana Formas e Impresos S/a, 2003.

Recebido em 11 de novembro de 2019
Aprovado em 21 de maio de 2020